

## “Lugar de mulher é onde ela quiser”: interseccionalidade e Empoderamento Feminino de Empreendedoras Quilombolas na Ilha do Marajó

**Brenda Lorena da Costa Leal**

Bacharel em Ciências Contábeis (UFPA)

Rua Augusto Corrêa, nº 01, Guamá, Belém - PA, Brasil

ORCID : <https://orcid.org/0009-0002-4890-2874>

E-mail: [brendacleal62@gmail.com](mailto:brendacleal62@gmail.com)

**Aleff dos Santos Santana**

Doutorando em Controladoria e Contabilidade (USP-RP)

Professor da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Pará (FACICON/UFPA)

Rua Augusto Corrêa, nº 01, Guamá, Belém - PA, Brasil

ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-5865-0549>

E-mail: [aleffsantana.pesquisa@gmail.com](mailto:aleffsantana.pesquisa@gmail.com)

**Risolene Alves de Macena Araújo**

Doutora em Ciências Contábeis (UFPB)

Professora da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Pará (FACICON/UFPA)

Rua Augusto Corrêa, nº 01, Guamá, Belém - PA, Brasil

ORCID : <https://orcid.org/0000-0001-6423-6299>

E-mail: [risolene@ufpa.br](mailto:risolene@ufpa.br)

### RESUMO

O percurso histórico das mulheres foi marcado por infinitas lutas em função da discriminação. Entretanto, o preconceito pode se fragmentar quando contornado a outros eixos de opressão. Desse modo, este trabalho objetiva compreender como as interações de marcadores sociais afetam as trajetórias de vida de empreendedoras quilombolas do arquipélago marajoara. Para tanto, em virtude de seu caráter qualitativo, o estudo utilizou o método da história oral temática. A coleta dos dados decorreu de entrevistas semiestruturadas, com o grupo de empreendedoras “Sementes do Quilombo”, residentes na Comunidade Quilombola de Mangueiras, em Salvaterra, na ilha de Marajó. A interpretação e análise dos dados da pesquisa foram realizadas por meio da análise de conteúdo. Por meio dos relatos, observou-se que o acúmulo de marcadores sociais, nesse caso, gênero, raça e etnia tem influência na objeção de oportunidades durante a vida pessoal e profissional das empreendedoras. Os relatos expuseram a maneira estigmatizada que ainda se faz presente nas



Revista Paraense de Contabilidade © 2023 by Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Pará is licensed under CC BY 4.0. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



**HISTÓRICO:** Recebido em: 25/08/2023. **Revisado por pares** em 28/08/2023. **Reformulado** em: 10/12/2023. **Aprovado em:** 20/12/2023. **Publicado em** 28/12/2023.

Editor Responsável: Marcia Athayde Moreira. Editor Executivo: Tadeu Junior de Castro Gonçalves. Processo de Avaliação: Double Blind Review – OJS.

Editado em Português. Versão original em Português.

jornadas de mulheres de comunidades tradicionais. Quanto às limitações desse trabalho, estão os efeitos do empreendedorismo na vida de mulheres que pertencem à outras comunidades da região e a dificuldade em localizar estudos precedentes sobre a temática. As contribuições desta pesquisa circundam as discussões que podem emergir acerca da interseccionalidade em espaços pouco conhecidos, com ênfase em gênero, raça e etnia no contexto de mulheres quilombolas. No mais, almeja-se externar os desafios que enfrentam diante das desigualdades sociais.

**Palavras-Chave:** Teoria da Interseccionalidade. Mulheres Quilombolas. Empoderamento Feminino. Empreendedorismo Marajoara.

## ABSTRACT

The historical path of women was marked by endless struggles due to discrimination. However, prejudice can fragment when bypassed by other axes of oppression. Therefore, this work aims to understand how the interactions of social markers affect the life trajectories of quilombola entrepreneurs from the Marajoara archipelago. To this end, due to its qualitative nature, the study used the thematic oral history method. Data collection took place through semi-structured interviews with the group of entrepreneurs “Sementes do Quilombo”, residing in the Quilombola Community of Mangueiras, in Salvaterra, on the island of Marajó. The interpretation and analysis of research data were carried out through content analysis. Through the reports, it was observed that the accumulation of social markers, in this case, gender, race and ethnicity, has an influence on the objection to opportunities during the personal and professional lives of entrepreneurs. The reports exposed the stigmatized way that is still present in the journeys of women from traditional communities. As for the limitations of this work, there are the effects of entrepreneurship on the lives of women who belong to other communities in the region and the difficulty in locating previous studies on the topic. The contributions of this research surround the discussions that may emerge about intersectionality in little-known spaces, with an emphasis on gender, race, and ethnicity in the context of quilombola women. Furthermore, the aim is to highlight the challenges they face in the face of social inequalities.

**Keywords:** Intersectionality Theory. Quilombola Women. Female Empowerment. Marajoara Entrepreneurship.

## 1. INTRODUÇÃO

O termo Marajó advém da expressão em Tupi, *Mbará-yó*, que significa “tapa mar” ou “retirado do mar”. A habitação do território marajoara antecede a chegada dos portugueses em 1916, por povos que praticavam a reconhecida cultura marajoara, com traços ancestrais, tornando-se um dos primórdios arqueológicos do Brasil (Bittencourt, 2012).

No século XVII, a produção agrícola no Marajó abriu espaço para o sistema escravocrata com a chegada de negros africanos, na posição de escravos, ligados às atividades existentes na região, como a pesca, a agricultura e a pecuária (Azevedo & Peres, 2015). Não obstante, a luta contra as condições sub-humanas e insalubres as quais eram submetidos transformou-se em movimentos de revolta e de busca pela liberdade e, nesses espaços de refúgio, surgiram os primeiros Quilombos, um dos maiores símbolos de resistência negra (Azevedo & Peres, 2015).

Para esse sistema de dominação, tornou-se essencial a criação de novas formas de expressar as manifestações (às vezes minuciosas) do preconceito, e que ainda influenciam a sociedade nos dias de hoje (Rodrigues, 2013). Dessa forma, a teoria da interseccionalidade defendida pela jurista afro-americana kimberlé Crenshaw proporciona um olhar minucioso

sobre as desigualdades, decorrendo da interação entre marcadores sociais, pois, gênero, raça e classe partem de uma unidade indissociável (Hirata, 2014). Para tanto, os termos interseccionais, desenvolvidos a partir dos estudos de Crenshaw (2002), focam em dois eixos categóricos: gênero e raça.

A interseccionalidade tem sua origem no feminismo negro. Collins (2019) descreve o ponto de vista em comum entre o feminismo afro-brasileiro e o pensamento feminista negro dos Estados Unidos, enfatizando que ambos os grupos ainda enfrentam os desafios impostos pelo legado da escravidão em conjunto com o racismo antinegro que assume formas diferentes de acordo com o gênero. Nesse sentido, as questões relacionadas ao gênero feminino podem assumir múltiplas formas, se analisadas em contextos sociais distintos.

Furtado et al. (2022) destacaram que a produção do conhecimento advinda do Ocidente desconhece a capacidade e autoridade do saber das mulheres, uma vez que as objetifica. Além disso, os autores esclarecem que a abordagem explorada pelo conhecimento eurocêntrico e patriarcal alimenta hierarquias de gênero, raça, classe e violências, uma vez que desqualifica outras maneiras de conhecimento que reiteram valores, fundamentando-se nas experiências do cotidiano da mulher.

Nessa perspectiva, situações vivenciadas pelas mulheres quilombolas explica a intersecção entre gênero, etnia, classe social e como esses fatores regeneram as opressões que cruzam o caminho dessas mulheres, assim como permite apresentar as estratégias adotadas por elas para garantir de seus direitos de cidadania, bem como a sua resistência mediante ao processo de lutas sociais (Grossi et al., 2018). Visto que, além de sua abordagem teórica, a interseccionalidade também possui potencial político (Bilge, 2018).

Recentemente, Lima et al. (2021) identificaram certa ausência dos ideais interseccionais em empreendimentos femininos de comunidades tradicionais, uma vez que se tornar empreendedora abre caminhos para o empoderamento feminino, despertando a conscientização acerca do seu papel, lugar e possibilidades. Posto que, a iniciativa de empreender, motivada por necessidade ou não, para as mulheres significa “descortinar” as discriminações historicamente impostas ao gênero (Alperstedt et al., 2014).

Ressalta-se que no decorrer dos anos, a literatura tem sido direcionada para a interseccionalidade nos mais diversos contextos e grupos sociais, entretanto, grande parte dos estudos realizados consideram apenas a interação entre gênero, raça e classe social (Crenshaw, 2002; Hirata, 2014; Sardenberg, 2015; Collins, 2019). É possível identificar lacuna no que tange a sua importância quanto ferramenta de ruptura de preconceitos relacionados à etnia, em que centraliza na identidade dos povos originários e comunidades tradicionais, e não na dominação (Silveira & Nardi, 2014).

Assim, destaca-se que temáticas como “Empreendedorismo no Marajó” e “Empoderamento Feminino Quilombola” são pouco exploradas pela literatura especializada, apesar de sua relevância social e acadêmica. Em decorrência disso, este artigo tem como objetivo compreender como as interações de marcadores sociais afetam as trajetórias de vida de empreendedoras quilombolas do arquipélago marajoara. A partir de uma abordagem qualitativa da pesquisa científica, adotou-se o método da história oral temática. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com a participação de 5 (cinco) empreendedoras da Comunidade Quilombola de Mangueiras, localizada no município de Salvaterra - Ilha de Marajó.

A contribuição desta pesquisa está diretamente relacionada ao seu aporte teórico, uma vez que traz à tona o debate sobre interseccionalidade no cotidiano de mulheres quilombolas, que praticam o empreendedorismo feminino em espaços socialmente excluídos. Por outro lado, suscita as dificuldades e desafios enfrentados por populações tradicionais no decorrer da história, atrelando-os às limitações de empreender no Marajó. Por fim, almeja-se que possa estimular pesquisas futuras que busquem investigar as interferências de marcadores sociais em regiões menos favorecidas, ou com grupos etnicamente discriminados.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### ***2.1 Teoria da Interseccionalidade***

A compreensão das relações sociais e de seus aspectos desafiadores se mostrou inerente ao bem-estar social (Nogueira, 2002). Os ideais da teoria da interseccionalidade se introduzem nas discussões à cerca de gênero, raça e classe a partir do século XX, sob a perspectiva de romper com a estrutura estabelecida nos movimentos de combate à discriminação (Santos & Melo, 2021).

Com início em 1889, após Kimberlé Crenshaw (teórica e jurista norte-americana) denominá-la como “teoria da interseccionalidade”, os estudos voltados para esse conceito passaram a ser mais comuns, considerando sua importância e contribuição para debates sociais, bem como, em todas as esferas da ciência (Kyrillos, 2020). Crenshaw (2002) define interseccionalidade como uma análise do problema estruturais e dinâmicos que estão presentes nos diferentes eixos de subordinação.

Outras autoras, como Helena Hirata e Sueli Carneiro circundam seus estudos em prol dos diferentes pontos de vistas explorados pela interseccionalidade. Embora a interseccionalidade se apresente como uma ideia promissora e que busca abarcar todas as formas de identidades, do ponto de vista teórico, ao concentrar-se em marcadores como gênero e raça, acaba deixando de lado a classe social (Hirata, 2014). Seguindo essa abordagem, acredita-se que grupos que sofrem a interferência, também, do fator étnico, em algum momento podem ser vítimas da invisibilidade.

Para Carneiro (2003), existe um esmaecimento quanto a formação da identidade cultural brasileira, onde a mulher negra não pode ser representada pelos discursos sobre opressão do gênero, uma vez que o marcador interseccional de raça continua a interferir ao seu modo de viver e nas suas relações em sociedade. Desse modo, a interseccionalidade é uma ferramenta que objetiva preencher lacunas sociais existentes nos diferentes contextos de preconceitos (Ferreira & Nunes, 2019), possibilitando um olhar mais amplo para que esses processos não sejam compreendidos de forma isolada (Kyrillos, 2020).

Todavia, embora o pensamento interseccional se apresente como um instrumento de transformação, investigação e intervenção, a escassez de pesquisas sobre o assunto impede que as temáticas interseccionais sejam difundidas (Rodrigues, 2013).

As diferenças presentes na diversidade de identidades tornam imprescindível a busca contínua por um modelo integral e eficaz para evidenciar que o gênero acompanha os processos ocidentais (Miñoso & Ziroldo, 2022). Ressalta-se que o olhar, por meio das lentes da interseccionalidade, permite compreender as diferenças que resultam na discriminação (antes invisível) que ainda integra as vertentes de poder (Sardenberg, 2015).

Ao longo dos anos, a literatura busca fortalecer os princípios interseccionais com a intenção de fomentar pesquisas sobre gênero, raça e classe. Em detrimento disso, críticos teóricos da década de 80 propuseram ideais mais afirmativos sobre a discussão interseccional que não fossem pautados apenas em gênero, raça ou classe, mas que considerasse a atuação desses três fatores em conjunto (Pereira, 2021). Anteriormente, essa visão restrita de interseccionalidade atuou de maneira excludente, contribuindo com baixo índice de participação de grupos sociais, principalmente de mulheres negras no ambiente acadêmico (Rodrigues, 2013).

Tendo em vista os enfoques das lutas e das múltiplas opressões sofridas pelo gênero feminino, revelou-se possível analisar que o movimento feminista enfatiza fatores hegemônicos, não atendendo aos interesses das mulheres como um todo, mas pautando em objetivos e necessidades da classe branca, em específico, legitimando a desigualdade entre o gênero (Ferreira & Nunes, 2019). Deste modo, mesmo a função importante exercida pelas mulheres seja irrefutável, o modo desigual que direciona a carreira profissional de homens e mulheres mantém determinadas barreiras, não permitindo a ascensão do público feminino aos cargos de maior destaque no mercado de trabalho (Santana et al., 2023).

O trabalho feminino em termos ocidentais por muito tempo foi considerado marginalizado. Garcia (2019) enfatiza que essa definição é resultado de um processo de trabalho que evidencia que o tipo de atividade desempenhada pelo indivíduo em aspectos familiares, sociais ou profissionais é determinante para que sua identidade afetivo-sexual seja estabelecida.

Essa caracterização contribuiu para que o movimento das mulheres pudesse discutir uma renovação metodológica, com base na resistência a diversos tipos de opressões que fazem parte de uma luta histórica do gênero feminino (Siqueira & Samparo, 2017). Esse último, leva em consideração a opressão como um conjunto de barreiras que ultrapassam os níveis de hierarquia impostos pelo mercado de trabalho e que precisam ser vencidas, mas que incluem fatores psicológicos, culturais, emocionais, bem como ideológicos (Toledo, 2003).

## **2.2 Empoderamento Feminino**

Historicamente, as abordagens das relações sociais foram pautadas em características que definem o homem como detentor do que é público, mercantil, econômico e racional (Simon, 2020). Fator este que legitima a ideia de papel secundário e invisibilizado que, por muito tempo, foi atribuído às mulheres, por meio de sua participação em atividades minoritárias no meio social (Gomes, 2021).

Com o advento da luta pelos direitos civis da classe feminina, a modernização da sociedade diversificou as esferas sociais, incluindo o sistema trabalhista, promovendo a equidade na integração da mão-de-obra feminina ao mercado (Garcia, 2019). Partindo desse ponto de vista, as constantes batalhas femininas começaram no dia a dia, durante a busca (de todas as formas) de adquirir uma posição justa, que respeite suas características naturais e lhe proporcionem oportunidades sociais iguais, sem discriminações (Magalhães, 1980).

Sob tal perspectiva, o empoderamento representa a forma como se é atribuído à grupos ou indivíduos influência e poder absoluto sobre suas decisões e, considerando a sua aplicabilidade em uma percepção de mundo mais “feminina”, é fundamental no rompimento de estigmas que reafirmam a figura de submissão da mulher e que trilham caminhos históricos impostos por uma sociedade patriarcal (Domingos & Negreiros, 2021). Nesse sentido,

questiona-se como as mulheres têm sido enxergadas como exceções à regra, alheias aos fins econômicos e com uma contribuição marginal nesse meio (Simon, 2020).

Crestani et al. (2017) ressaltam que mesmo com ferramentas que atribuem voz ao público considerado “frágil”, promover igualdade dentro da sociedade e, principalmente, no ambiente organizacional é uma proposta desafiadora, frente às questões a serem superadas no que tange as oportunidades, aceitação do gênero feminino e outras variáveis que interferem no meio no qual se inserem.

A dinâmica do empoderamento pode transformar realidades marcadas pelo preconceito, uma vez que pode protagonizar o ápice de mudanças sociais que poucos estão cedendo lugar à representatividade feminina em que expressa o comprometimento com sua vida profissional e com a criação de seus filhos (Azevedo & Sousa, 2019). Por fim, a mulher vem conquistando seu espaço em virtude de sua persistência e resiliência, pois o contato com o mercado de trabalho lhe proporcionou independência financeira, destituindo-a da posição de “cuidadora do lar” (Gomes, 2021).

### **2.3 Empreendedorismo Marajoara**

No contexto brasileiro, o termo empreendedorismo reflete a iniciativa de inovação e surge como uma alternativa às questões que problematizam a criação de pequenas empresas e sua sobrevivência no mercado (Dornelas, 2008). Empreender inclui assumir os riscos de um mercado cada vez mais competitivo, que exige dos pequenos gestores persistência e visão de futuro na realização de seu trabalho (Jonathan & Silva, 2007).

Nessa direção, o empreendedorismo representa um mecanismo de luta por autonomia em diversos contextos sociais, tal como verificado na região Amazônica, cuja a realidade engloba trabalhadoras de outros “chãos”, distantes do sistema fabril convencional e que são encontradas nos Quilombos (Miranda & Rodrigues, 2020), e essas particularidades que caracterizam as populações tradicionais, reafirmam que suas vivências e seu tempo ecológico se diferem do tempo mecânico das cidades (Silva et al., 2022).

Somado a isso, a população que reside no arquipélago do Marajó, de maneira geral, tenta adaptar atividades empreendedoras de pesca, extrativismo, pecuária e produção bubalina, com os constantes deslocamentos dos rios e com os ecossistemas de várzea, Igapó, Terra Firme e Campos Naturais, características predominantes das regiões que fazem parte do território amazônico (Martins, 2018).

Para Meirelles Filho (2014) falar a respeito da região marajoara é considerar seu cenário natural de grande potencial turístico, mas que ainda espelha sua economia em um passado marcado por fatores socialmente excludentes, concentradores de renda, poder e terra na mão de poucos. Desse modo, a estratégia principal adotada para o enfrentamento desses problemas tem sido levar formas de capacitação para os marajoaras, em resposta à vulnerabilidade econômica e social (Silva et al., 2022).

O impasse em tornar a atividade empreendedora como uma forma de subsidiar os problemas enfrentados no Marajó é resultado de um progresso tardio encontrado em regiões menos favorecidas, à exemplo da “região dos campos” (Salati, 2021; Soares & Oliveira, 2021). Todavia, o empreendedorismo tem criado novos rumos para o desenvolvimento social e econômico das ilhas, pois a iniciativa de empreender proporciona resultados significativos que vão além do aprendizado sobre as atividades locais e o seu manejo, uma vez que agrega possibilidades positivas (Soares & Oliveira, 2021).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1 Método da História Oral Temática

O presente estudo busca compreender como as interações de marcadores sociais afetam as trajetórias de vida de empreendedoras quilombolas do arquipélago marajoara. Desse modo, adotou-se o modelo qualitativo de pesquisa científica, por se tratar de uma abordagem que proporciona a percepção da realidade humana, por meio da compreensão de valores, crenças e hábitos, uma vez que essa realidade é vivida socialmente (Elias et al., 2021). Não obstante, a pesquisa na perspectiva qualitativa tem se firmado como promissora possibilidade de investigação (Neves, 1996) ao captar todos os pontos de vista relevantes para que assim seja possível entender a dinâmica do fenômeno investigado (Godoy, 1995).

Face as características observadas, aplicou-se o método da história oral temática, que representa uma modalidade da história oral e possui enfoque em narrativas orais individuais ou coletivas, centralizando-se na busca pela visão do narrador/entrevistado acerca de suas vivências, possibilitando investigar suas experiências e trajetórias (Santos & Araújo, 2007).

A utilização desse recurso metodológico é fundamentada a partir de suas especificidades, visto que na modalidade temática da história oral, os objetivos do estudo circundam o evento, grupo de indivíduos ou a temática a ser investigada ao longo de seu desenvolvimento (Xavier et al., 2020). Logo, a história oral, no contexto temático, parte de um conteúdo mais exclusivo e preestabelecido (Santos & Araújo, 2007).

Haja vista que a interseccionalidade se faz presente nas diversas esferas sociais, bem como na vida de mulheres que empreendem na Comunidade Quilombola de Mangueiras na Ilha de Marajó, a aplicabilidade do método da história oral temática, nesta pesquisa, tem a finalidade de reconstituir as experiências das empreendedoras de maneira individual, a partir da oralidade, realizando um recorte minucioso acerca dos preconceitos que fluem ao longo dos eixos de subordinação e divergem do tratamento conjunto de gênero, raça e etnia.

#### 3.2 Técnica de Coleta de Dados e Seleção das Participantes

A comunidade de Mangueiras faz parte das 15 comunidades quilombolas que integram o município de Salvaterra, no Marajó. Dessa maneira, a representatividade ancestral se mantém viva à memória de seus primeiros habitantes, que caracterizam a comunidade como “Quilombo- Mãe” e afirmam que as demais comunidades quilombolas da região formaram-se a partir de Mangueiras (Azevedo & Peres, 2015).

Assim, as participantes escolhidas para a realização da pesquisa foram mulheres que praticam o empreendedorismo na comunidade e integram o grupo “Sementes do Quilombo”. A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas, pois possibilita os pesquisadores obter dados objetivos e subjetivos sobre o fenômeno investigado, além de proporcionar maior interação social entre o pesquisador e o entrevistado (Batista et al., 2017).

As entrevistas foram semiestruturadas, contemplando perguntas abertas e fechadas. O roteiro de entrevista foi elaborado pelos pesquisadores, considerando-se a leitura dos estudos precedentes e, assim, fossem identificados pontos essenciais nos relatos orais, ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Esse roteiro foi pré-testado por um pesquisador que também tem origem em comunidades tradicionais (ribeirinha). Nesta etapa, realizou-se um exame de adequação das perguntas em relação aos participantes do estudo.

O grupo para a realização deste estudo foi estabelecido em decorrência da ausência de pesquisas que retratam o fenômeno da interseccionalidade em comunidades tradicionais na região marajoara. Collins e Bilge (2020) realçam que a interação entre interseccionalidade e os fenômenos sociais configura um desprendimento da forma convencional que os analisa separadamente e passa a encarar a interconexão entre eles.

O contato com a representante do grupo de empreendedoras ocorreu via redes sociais. Inicialmente, o quantitativo das participantes para a realização das entrevistas foi definido de acordo com o número de integrantes do grupo, que totalizam 10 (dez) integrantes, porém, apenas 5 (cinco) se disponibilizaram e aceitaram participar do estudo. Os perfis das entrevistadas estão apresentados no quadro 1.

**Quadro 1- Perfil das Entrevistadas**

| Identificação   | Idade | Escolaridade                  | Atividade Econômica                  | Renda Mensal              |
|-----------------|-------|-------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|
| Entrevistada 01 | 55    | Ensino Médio Completo         | Empreendedorismo                     | 2 (dois) Salários-Mínimos |
| Entrevistada 02 | 27    | Especialização                | Gestora de Projetos                  | 2 (dois) Salários-Mínimos |
| Entrevistada 03 | 72    | Ensino Superior Completo      | Empreendedorismo                     | 1 (um) Salário-Mínimo     |
| Entrevistada 04 | 47    | Ensino Fundamental Incompleto | Empreendedorismo / Trabalho Autônomo | 1 (um) Salário-Mínimo     |
| Entrevistada 05 | 53    | Ensino Médio incompleto       | Empreendedorismo                     | 600 Reais                 |

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

As entrevistas foram realizadas por videoconferência, no mês de julho de 2023. O tempo de duração de cada entrevista foi de 20 a 30 minutos, com a gravação do conteúdo por áudios, para que pudessem ser transcritos posteriormente. Para validação da entrevista foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes da pesquisa, sendo essa formalização ocorrida de maneira eletrônica. Além das perguntas apresentadas anteriormente, dispostas no quadro 1, compuseram a etapa de identificação do perfil das entrevistadas, perguntas como: identidade de gênero, estado civil e se as participantes possuíam filhos.

### **3.3 Organização e Interpretação das Evidências**

Como forma de interpretar os resultados e organizá-los, aplicou-se a análise de conteúdo, pois, de acordo com Bardin (1977), as ferramentas metodológicas propostas por esse procedimento se aplicam de forma diversificada à discursos, uma vez que a comunicação é a sua principal fonte de análise. Por outro lado, a análise de conteúdo é utilizada na interpretação e descrição de conteúdo de documentos e textos, com valor reconhecido no campo de investigações sociais (Moraes,1999). Dessa forma, a partir da análise de conteúdo são absorvidos indicadores importantes para o alcance dos objetivos (Oliveira et al., 2003).

De acordo com Câmara (2013) o procedimento de análise de conteúdo deve ser dividido em três categorias fundamentais. Em função disso, a pesquisa foi modelada seguindo as etapas metodológicas desse procedimento, sendo:



- a) Pré- análise: se caracteriza por ser o momento de organização do material relevante bem como da formulação de seus objetivos iniciais;
- b) Exploração do Material: performa a escolha das unidades que serão retiradas dos relatos de forma a contribuir com o estudo. Nessa fase, há a busca por adaptar as categorias de palavras, a fim de somar às propostas iniciais da pesquisa; e
- c) Tratamento dos Resultados: se estabelece em virtude de tornar os resultados relevantes, pois cabe ao pesquisador analisar os discursos e interpretá-los.

## 4. DESCRIÇÃO DOS DADOS

### 4.1 Empoderamento Feminino no Empreendedorismo do Marajó

No decorrer da história, a mulher tem se apresentado como um símbolo de resistência, pois pertencer ao mundo feminino traz consigo a luta de romper os muros da diferença, da desigualdade e de outros dilemas que devem ser superados. Nesse sentido, a iniciativa de empreender possui significados variados, mesmo em contextos sociais diferenciados, especialmente no Marajó.

É possível identificar tais fatores a partir dos relatos de algumas das entrevistadas, como no discurso da entrevistada 01: “[...] para mim é um complemento de renda, mas para algumas pode ser muito mais do que um complemento...pode ser uma renda. Então, acredito que cada qual vai ter uma resposta, que pode ser diferente da minha. No meu caso, eu já posso sonhar em comprar algo pensando naquele dinheiro, que vai render no final do mês. Ou que a gente chegue de uma feira, normalmente a gente chega da feira e faz logo essa prestação e vê quanto vai dar para cada uma [...]”.

No caso da entrevistada 02, o empreendedorismo foi a porta de entrada para adquirir autonomia: “[...] hoje não é minha principal renda, mas já foi minha principal renda, então, através do grupo, através do empreendedorismo eu consegui e consigo comprar várias coisas que eu precisava enquanto uma pessoa naquele momento desempregada. Acho que sim, dá autonomia para gente, financeira, também de ter um espaço para ocupar a mente, para exercer suas habilidades, então, sim, acho que... acho não, tenho certeza de que foi e é muito importante o empreendedorismo, o grupo em si [...]”. Afirmando a abordagem realizada pelas demais, a entrevistada 05 expõe: “Sim, trouxe autonomia para nós”.

Para a entrevistada 03, o ramo empreendedor não se limitou apenas à independência financeira obtida, mas possibilitou a criação de conexões entre a comunidade e as pessoas que não fazem parte dela: “[...] as pessoas se aproximaram mais da gente, a perguntar como é o nosso trabalho, saber o que a gente faz, então, foi um modo de valorização, mesmo dentro ou fora da comunidade [...]”. O discurso da entrevistada 04 evidencia que o empreendedorismo funciona como uma ferramenta de construção de “espaços”, capaz de despertar em outras mulheres o interesse em fazer parte da iniciativa e através disso construir suas próprias histórias: “[...] eu entrei através da minha irmã que já trabalhava com isso. Eu me espelho muito nela, na vontade que ela tem das coisas, então, é isso... ela que me incentiva e incentivou [...] eu me senti mais segura, acredito ter força para fazer as coisas, pois depois que meu marido faleceu eu tive que criar quatro filhos sozinha”.

Ao discutir sobre o que as incentivou a se tornarem empreendedoras, os motivos dividiram-se entre “a necessidade de ganhar dinheiro” e “complementar a renda familiar”,

visto que algumas recebem auxílio governamental e, por meio da atividade desempenhada, se tem a possibilidade de ter uma renda extra. A entrevistada 02 complementa: “[... logo que eu saí da faculdade deu início à pandemia e não tinha como sair, eu vim para casa e tive necessidade de ter uma renda”.

Para tanto, o processo de gestão da parte financeira de um empreendimento engloba muitas vezes dificuldades de toda ordem, a entrevistada 01 esclarece: “[... por exemplo, falando por mim, eu não tenho habilidade em fazer uma planilha, porque eu não tenho habilidade com a computação, a gente mexe com celular, mas na parte da computação a gente tem muita dificuldade de fazer uma planilha para ter um controle[...].

Nesse sentido, a empreendedora 02 externa que as dificuldades encontradas em administrar a parte financeira do negócio, estão ligadas à organização das entradas e saídas de dinheiro: [...] fizemos alguns cursos online, mas realmente essa parte de aplicação, de construção de planilhas de fluxo de caixa, do que entra, do que sai, a gente tem tentado fazer esse esforço no caderno, anotando quanto a gente vendeu no mês, mas realmente fazer toda a somatória de todos os gastos que a gente tem é uma coisa que ainda não vimos, não aplicamos assim exatamente como deveria [...] tem sido mais um processo assim de separar, a divisão entre as mulheres, entre os gastos para manter a produção, compra de materiais, tecido e outras coisas, e uma parte fica com o grupo, uma parte que precisa ficar como segurança, algo pra gente manter. A empreendedora 04 também reforça essa dificuldade: “[...] sim, nós temos dificuldades em separar as contas.

Foram levantadas outras problemáticas, como os impasses em garantir a manutenção do negócio, sobre isso a empreendedora 02 expressa em seu relato: “[...] a matéria prima que a gente adquire precisa ser comprada em Belém, precisa comprar pela internet algumas [...] aqui na região Norte a gente precisa juntar para comprar uma quantidade boa de forma a valer à pena, que realmente assim, na maioria a gente precisa pagar um frete muito alto, então, tem essa questão de mercado, quando vamos comprar matéria prima [...]].

Ao longo dos discursos, unanimemente, relatou-se que entre os desafios presentes no empreendedorismo quilombola no Marajó, está a questão da logística e de acesso ao mercado, dois fatores que tem favorecido os empreendimentos mais urbanos, em função da facilidade na aquisição de produtos, conforme relatado pela entrevistada 02: [...] tem a questão de mercado mesmo, a gente primeiro começou a conquistar os clientes, mas assim, a gente ainda tem essa dificuldade em ter um espaço, claro, temos um espaço na comunidade, mas um espaço na cidade, então, por exemplo, a gente não tem um espaço para comercializar mensalmente, semanalmente na cidade”. A entrevistada 04 relaciona esses desafios às questões geográficas da comunidade: [...] acho que o “sair” daqui se locomover para outro lugar, porque é muito difícil o acesso aqui para chegar na cidade”.

Algumas das empreendedoras ao discorrerem sobre as dificuldades que perpassam a administração do empreendimento, todas incluíram em seus discursos a forma que adotaram para controlar as entradas e saídas de dinheiro, sem a utilização de métodos elaborados, mas que a partir de anotações em cadernos registram as movimentações diárias das vendas de determinado período.

As discussões acerca do empreendedorismo feminino são facilmente relacionadas ao empoderamento das mulheres, pois participações coletivas na sociedade costumam ser estigmatizadas ao ponto de tornar o gênero e o grupo étnico vulneráveis à discriminação,

quanto a isso, a entrevistada 01 pontua: “[...] não sofro, até porque eu não deixo [...] eu nunca me senti discriminada até porque essa parte do empoderamento feminino, eu tenho”.

Da mesma forma, a entrevistada 02 descreve que em alguns momentos durante a jornada do grupo empreendedor, presenciaram eventos que as desqualificaram em virtude de serem mulheres e fazerem parte de uma comunidade tradicional: “[...] logo quando a gente começou, realmente não tínhamos muita noção de tudo isso que envolve a parte do empreendedorismo, e teve tempo que realmente não tínhamos dinheiro, então, a gente foi juntando para poder ter um recurso e ir fazendo essa manutenção, e assim, a gente trabalha com a parte de costura e íamos dividindo o trabalho, mas hoje nem todas sabem costurar aí a gente não tem um material, ou seja, mais de uma máquina, para ter uma maior qualidade para as peças [...] a gente via muito que algumas pessoas não entendiam muito essa questão, muitas vezes por mais que a gente explicasse achavam que o trabalho deveria valer menos, por ser um trabalho artesanal de camisas [...] por um momento eu percebi que a gente estava só trocando dinheiro”.

Em contrapartida, o empreendedorismo serviu como auxílio no rompimento das barreiras impostas pela discriminação de gênero e raça, segundo o relato da entrevistada 03: “acho que para mim aumentou a valorização, a qualidade no modo da gente viver, como a gente produz. É uma procura não tanto só na nossa comunidade, mas nas nossas cidades vizinhas, aumentou a valorização das coisas da nossa produção [...]”.

Já a entrevistada 02 identifica apresenta um ponto de vista baseado nos efeitos que o empreendedorismo tem em diversas realidades: “aqui na comunidade as mulheres são realmente muito empreendedoras, e aquele papel de ficar só em casa, só cuidando dos filhos, não desmerecendo quem faz esse papel [...] mas sim, hoje as mulheres têm outra perspectiva de ter sua própria renda, não dependendo da renda que muitas vezes o companheiro trazia para dentro do lar, e a mulher não tinha aquela autonomia de ter o dinheiro dela [...]”.

Todavia, vencer o preconceito acaba se tornando uma luta diária que inclui a inserção da mulher em posições com mais representatividade, no caso das mulheres quilombolas essa representatividade advém da sua participação em movimentos sociais, que lhe proporciona voz e o reconhecimento de seus direitos: “eu participo não só na minha comunidade, como a nível estadual, eu faço parte da Malungo, que é a coordenação estadual das comunidades remanescentes de Quilombo do Estado do Pará, e dentro da minha comunidade eu sou uma liderança do movimento negro (entrevistada 01).

É possível observar ao longo dos relatos, que o grupo de empreendedoras reconhece que empreender na região do Marajó convém enfrentar muitos desafios, em detrimento disso, o empreender abre caminhos para o empoderamento e para a transformação social.

#### **4.2 Trajetórias Interseccionais de Mulheres Quilombolas no Marajó**

Durante várias épocas, as mulheres exerceram funções secundárias, existindo à sombra dos homens. A busca por autonomia em outros espaços tem configurado o encorajamento das mulheres quilombolas, uma vez que são afetadas pela sobreposição do gênero, raça e etnia. Nesse sentido, as entrevistadas retomam à memória a resistência do seu povo e os percalços encontrados na sua trajetória: “todos os dias a gente ser mulher preta e quilombola, todos os dias nos faz vestir uma armadura e sair para campo, então, isso me fez ser forte para enfrentar esses desafios”. [...] “quando se fala em sementes do quilombo, já

*sabe-se que é da comunidade de Mangueiras, acredito que sim, trouxe mais visibilidade para a nossa comunidade” (entrevistada 01).*

Enfatiza, ainda, que: *“[...] a estratégia é se impor, levantar a cabeça e seguir em frente, mostrar que somos capazes, mostrar que não por sermos mulheres, não por sermos pretas e de comunidade tradicional quilombola que nós sejamos diferentes, menos do que qualquer homem, do que qualquer pessoa na sociedade, e é isso que temos que colocar na nossa mente [...]. Nós temos o sangue de Zumbi dos Palmares, ele foi o nosso líder, lutamos como ele lutou, lutamos por liberdade. [...] nos tempos de hoje quando a gente fala em liberdade, é justamente a liberdade de espaço, de estar e poder ser o que a gente quiser” (entrevistada 01).*

A partir do discurso da entrevistada 02, é possível identificar algumas das dificuldades supracitadas: *“É muito desafiador a necessidade de a gente querer permanecer no território, mas não ter oportunidades. [...] hoje a gente tem a oportunidade de ingressar numa universidade, mas ainda assim, se a gente quiser um curso, a gente precisa sair da comunidade e passar por dificuldades, onde muitas das vezes pessoas até desistiram do curso [...] é um desafio lutar por dignidade, saúde, educação e pelos direitos no território”.*

Nessa conjuntura, o acúmulo de marcadores sociais, como a intersecção entre gênero, raça e etnia, pode atuar como um fator excludente, como esclarece a entrevistada 02: *“[...] a gente acaba não percebendo diretamente, mas a gente sabe que isso ocorre nas escolhas, tu não és valorizada muitas vezes, não é escolhida para estar em determinados espaços porque tu és de comunidade, então, a todo tempo tu estás sendo subjugada e desmerecida. As pessoas muitas das vezes não acreditam na tua capacidade, na tua inteligência e não dão oportunidades para gente, então, eu percebo muito mais dessa forma [...] a gente enquanto mulher tem que lutar e, até hoje, há uma disparidade na oferta de vagas, assim, sem dúvida, limitações para gente enquanto mulher quilombola tem mais ainda”.*

As entrevistadas relataram eventos pessoais que retratam que as opressões e discriminações podem ser vivenciadas de formas diversas: *“[...] “agora como mulher quilombola que reconhece seus direitos, não, mas quando pequena sim, quando não sabia quais eram nossos direitos, o que é ser quilombola, mas depois que começamos a buscar conhecimento, saber o que pode acontecer a favor da gente, nunca mais sofri preconceito, mas quando criança e quando jovem não sabia do meu valor” (entrevistada 03).*

Se fortalecer como mulher representa o pertencimento e a união de forças com quem compartilha de uma luta coletiva: *“[...] quando nós começamos a levar o grupo para frente e criar um espaço, acho que isso também foi muito bom, ter um espaço pra gente se reunir, ter um espaço físico acho que isso espelhou muitas mulheres, então, a gente está sempre nesse trabalho realmente de conscientizá-las, correr atrás, chamar [...] acho que entre a gente tem muito essa rede afetiva, essa rede de solidariedade, acredito que nós somos enxergadas dessa forma e inspiradoras para outras mulheres, inclusive de outras comunidades também, que começaram a fortalecer seus grupos através do nosso”(entrevistada 02).*

A partir do trabalho feito por mulheres, outras lutas podem ser vivenciadas de perto: *“[...] hoje em dia já demos várias entrevistas, já aparecemos inclusive em documentários, vamos nas feiras, a gente leva o nome da comunidade, o grupo de mulheres sementes do Quilombo, a gente sempre leva de onde a gente é, hoje sempre quando querem visitar, alguém vem aqui no ateliê, a gente trouxe mais visibilidade para comunidade” (entrevistada 02).* Como complementa o discurso a seguir: *“[...]realmente o grupo veio para fortalecer as mulheres,*

*não só da nossa comunidade, mas também tem sido exemplo para mulheres, para outros quilombos formarem seus grupos, para que possam empreender juntos”* (entrevistada 01).

Com o objetivo de driblar a desigualdade, a entrevistada 02 buscou se capacitar em outras áreas: *“[...] a educação foi a principal estratégia, fazer cursos, buscar essas oportunidades [...] a gente se impõe com essas estratégias buscando sempre visibilidade.* Enquanto a entrevistada 04 relata que encontrar novos meios de sobreviver, por ser a principal provedora da sua família, foi estratégia para vencer o preconceito: *“[...] fato de ter quatro filhos e estar criando meus filhos sozinha, sendo pai e mãe deles, isso para eu incentiva bastante para ter força de vontade para enfrentar todas essas adversidades da vida [...]”*.

Nesse sentido, a criação de redes de apoio tem se firmado como uma alternativa de fortalecer o movimento e reproduzir os ideais da diversidade: *“[...] hoje em dia nós como mulheres sabemos de nossos direitos, até onde podemos chegar, até onde podemos caminhar, com quais pessoas nós podemos conversar, às vezes somos de etnias diferentes, mas através de outras é que vamos adquirindo conhecimento, nos fortalecendo, vamos pra somar com outro grupo étnico”* (entrevistada 03).

Sobretudo, os discursos de todas as entrevistadas trouxeram pontos de vistas diversos sobre a importância da mulher em diversas realidades, e o quanto suas ações são capazes de transformar o seu ambiente e a vida de outras pessoas: *“[...] representa muita força, especialmente aqui no Marajó na parte de Salvaterra especificamente, as comunidades elas foram se autodeclarando, foram se organizando através especialmente da força, do estímulo de mulheres. [...] hoje a maioria das pessoas que estão à frente das associações das comunidades quilombolas são mulheres, que se você for em uma reunião, a maioria que vai encontrar são mulheres, então, para mim, quem me inspirou sempre foram mulheres, vejo sempre elas muito à frente de tudo isso”* (entrevistada 02).

O relato da entrevistada 01 reafirma essa abordagem: *“[...] representa a força que a mulher tem no seu dia a dia, ser dona de casa, ser pai e mãe, ser empreendedora, sempre estar querendo muito e querendo também ajudar na sua comunidade, como líder, como uma pessoa que possa estar buscando políticas públicas para a sua comunidade, então, esse é o espaço que queremos, o espaço que as mulheres marajoaras buscam e que muitas já encontraram”*.

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente estudo se propôs a compreender como as interações de marcadores sociais afetam as trajetórias de vida de empreendedoras quilombolas do arquipélago marajoara. Por meio dos relatos coletados nas entrevistas, foi possível obter conhecimento acerca dos desafios que cruzam os caminhos de mulheres de comunidades tradicionais e que contribuem com a discriminação na sua vida pessoal e profissional. Logo, a conquista por espaço e visibilidade tem se apresentado como um propósito que as acompanha durante a jornada de vida, pois as empreendedoras buscaram, de diversas formas, superar as imposições do preconceito à sua maneira.

Em alguns discursos, a intersecção entre gênero, raça e etnia são apontados como os principais limitadores de oportunidades, vistos como um “critério” que desfavorece a competência profissional e a capacidade de contribuição, conforme afirma Rodrigues (2013), quando diz que a falta de compreensão acerca do viés interseccional cooperou durante muito tempo com princípios excludentes, principalmente no ambiente acadêmico.

Dessa forma, essas afirmativas tornam-se ainda mais evidentes quando analisadas sob o ponto de vista de Carneiro (2003), quando emerge que as consequências históricas do legado do período colonial brasileiro permanecem, mas, que atualmente essas perspectivas ganharam novos contornos, embora mantenham à vista abordagens de gênero e raça que trilham características instituídas durante esse sistema de exclusão e violação.

Ter que deixar a comunidade para ter acesso à direitos básicos aparece como uma limitação que abarca a história de muitas delas e dos moradores da comunidade. Quando há a necessidade de deslocamento, resulta no rompimento com suas raízes e tradições, sendo um evento que desvela uma nova realidade a ser vivida em torno da busca por melhores oportunidades’, pois de acordo Simplicio (2022), a luta quilombola feminina se fundamenta em função de valorizar suas origens e identidades, e manter seus princípios ancestrais. Assim, a iniciativa advinda da ocupação de posições mais afirmativas, para as empreendedoras, faz com que outras mulheres possam construir sua trajetória, adquirindo o protagonismo.

As entrevistadas, em sua maioria, retratam que ser mulher empreendedora quilombola, no contexto regional do Marajó, é uma tarefa árdua, uma vez que a dificuldade de acesso à comunidade, logística e manutenção do empreendimento tem sido um agravante no processo de expansão. De outro modo, tem-se os motivos que as leva a criar novas estratégias de superação desses desafios, como a “necessidade de ganhar dinheiro” e “complementar a renda familiar”, em outros casos em específico, tornar-se a principal provedora da família e o incentivo de outras mulheres tem contribuído para a continuidade da atividade econômica desempenhada por elas. Essas circunstâncias são descritas por Gomes *et al.*, (2005), em que empreender envolve transformar expectativas de vida pessoal, relações entre a família, necessidade e superar a escassez de oportunidades no mercado tradicional.

Por fim, a participação efetiva em movimentos sociais de interesse comum de sua localidade, tem configurado uma conquista simbólica para o grupo de mulheres, fator retratado de maneira hegemônica por todas, pois se espelham nas figuras femininas que assumem a liderança dos movimentos. De forma geral, as desigualdades que surgem da interação de marcadores como gênero, raça e etnia têm conduzido as mulheres a promoverem espaços para o empoderamento, para a aceitação e para a possibilidade de se impor sem diferenciação.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante muitos séculos, a jornada das mulheres foi marcada pelas “sentenças” advindas dos estereótipos e pelas prisões impostas por padrões da sociedade. Mesmo com mudanças contemporâneas que lhes permite avançar para outras camadas sociais, diversos espaços permanecem sendo ocupados exclusivamente por homens, retratando o preconceito que marginaliza a capacidade profissional e intelectual da mulher, ganhando forças no silêncio de vozes femininas.

Quando esses impasses são alinhados a outros desafios, torna-se explícito que a diferença pode assumir outras “faces”. Desse modo, quando ocorre a sobreposição dos marcadores interseccionais, resulta na criação diferentes opressões que interferem na visibilidade e no reconhecimento de mulheres quilombolas, pois além das oposições que permeiam as questões de gênero, somam-se a elas os estigmas de etnia e de raça. Diante disso, este trabalho buscou compreender como as interações de marcadores sociais afetam as trajetórias de vida de empreendedoras quilombolas no arquipélago marajoara.

Os resultados revelaram que ao longo do caminho, a discriminação esteve presente em outras áreas de suas vidas, como na valorização do seu trabalho pelo público externo, que considera o produzir de modo não convencional. Isto é, diferente da produção em larga escala e urbanizada, merecedor de valor inferior. Esse modo desigual de atribuir valores, espelha o que um dia foi uma luta pela liberdade de viver, pois, sabe-se que mesmo após a garantia de seus direitos constitucionais, as populações remanescentes seguem sendo alvo da objeção.

As evidências apresentaram o preconceito como um limitador de oportunidades, visto que muitas delas deixaram de ocupar posições mais importantes em espaços diferenciados, em virtude de serem mulheres de comunidade tradicional. Ademais, algumas buscaram, por meio da educação, uma forma de “fazer barulho” e assegurar suas possibilidades, conscientes de que nos dias de hoje, ser uma mulher requer obter outros aprendizados, bem como a dominância de habilidades que se sobressaíam ao ambiente do lar.

Por meio dos resultados, também se identificou a importância da representatividade feminina quilombola em qualquer lugar, uma vez que as empreendedoras cresceram vendo mulheres de sua comunidade à frente de espaços de ativismo social na região marajoara. Esse fator é legitimado no decorrer de seus discursos como uma forma de vencer as limitações geográficas que impedem o acesso à informação dentro do seu território, principalmente como uma maneira de intervir nas decisões que contribuem com os interesses de seu povo.

Os limites da pesquisa se apresentam em torno dos efeitos do empreendedorismo na vida de mulheres que pertencem à outras comunidades da região. Outro condicionante é a dificuldade em localizar estudos precedentes para servirem de auxílio ao tema abordado. Este trabalho, por sua vez, ao compreender as trajetórias de empreendedoras quilombolas marajoaras, promove debates sobre os princípios interseccionais em parâmetros antes não explorados pela literatura especializada, além de discutir os obstáculos que enfrentam em outras esferas sociais.

Assim, reverberar as memórias das barreiras encontradas em suas jornadas e as estratégias que utilizaram para minimizar esses percalços mobiliza à instrução e ao incentivo para que outras mulheres se sintam encorajadas a escreverem suas histórias. Por fim, como sugestão para estudos futuros, propõe-se o desenvolvimento de pesquisas que compreendam as interferências de marcadores sociais na trajetória de grupos de outras comunidades tradicionais, como em comunidades ribeirinhas presentes da região marajoara, ou de diferentes partes da região Amazônica.

## REFERÊNCIAS

- Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 16(40), 221-234.
- Azevedo, M. A., & Sousa, L. D. (2019). Empoderamento como representatividade das mulheres na sociedade. *Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 5(1), 170-178.
- Azevedo, A. D. A. M., & Peres, E. S. (2015). A presença negra na Amazônia: um olhar sobre a Vila de Mangueiras em Salvaterra (PA). *Revista Marupíra*, 2, 08-14.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70.

- Bittencourt, J. F. (2012). Sambaquis e Marajó: os primórdios da arqueologia no Brasil e a formação do imaginário nacional. *Tempos Históricos*, 3(1), 53–75.
- Batista, E. C., Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 11(3), 23-38.
- Bilge, S. (2018). Interseccionalidade desfeita: salvando a interseccionalidade dos estudos feministas sobre interseccionalidade. *Revista Feminismos*, 6(3), 67-82.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, 10, 171-188 (L. Schneider, Trad.).
- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 49, 49-58.
- Câmara, R. H. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191.
- Crestani, J. S., & Rodrigues, A. T. (2017). Auditoria Externa: Um Estudo Sobre Equidade de Gênero em Empresas de Auditoria. In: *II Congresso de Contabilidade da UFRGS e II Congresso de Iniciação Científica em Contabilidade da UFRGS*, 1-16. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/congressocont/index.php/congresso/congressocont/paper/viewPaper/60>. Acesso em: 04/07/2023.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo editorial.
- Collins, P. H., & Bilge, S. (2020). *Intersectionality*. John Wiley & Sons.
- Dornelas, J. C. A. (2008). *Empreendedorismo*. Elsevier Brasil.
- Domingos, J., & Negreiros, C. S. (2021). O Gênero Publicitário E O Empoderamento Feminino Na Perspectiva Do Dialogismo Bakhtiniano. *Revista de Letras-Juçara*, 5(2), 208-228.
- Elias, M. L. G. G. R., Sartori, V., & Almeida, I. C. (2021). Entrevistas Semiestruturadas na Captura, Construção e Compartilhamento do Conhecimento em Projetos de Extensão Universitária. In: *Anais do Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação*, 1(1).
- Ferreira, C. A. A., & Nunes, S. (2019). Mulheres negras no mercado de trabalho: interseccionalidade entre gênero, raça e classe social. In: *XLIII Encontro da ANPAD*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336588023>. Acesso em: 03/07/2023.
- Furtado, F. P., Kato, K. Y. M., & Barros Junior, O. A. D. (2022). Raça, gênero e classe: as interseccionalidades da estrutura fundiária brasileira. Disponível em: <http://rima.im.ufrjr.br:8080/jspui/handle/1235813/6583>. Acesso em: 03/07/2023.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, 35, 57-63.
- Gomes, F. A., Santana, P. G. W., & Silva, M. J. (2005). Mulheres empreendedoras: desafios e competências. *Revista Técnica Administrativa*, 4 (24), 1-11.



- Grossi, P. K., Oliveira, S. B., Oliveira, J. L. (2018). Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração. *Revista de Políticas Públicas*, 22, 929-948.
- Garcia, C. C. (2019). Notas sobre a história dos trabalhos das mulheres na sociedade ocidental: das diferenças as desigualdades laborais de gênero. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 9(1), 123-140.
- Gomes, A. S. (2021). A história da contabilidade e a evolução da mulher: empoderamento e crescimento profissional feminino. *Revista de Estudos Interdisciplinares do Vale do Araguaia-REIVA*, 4(02).
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, 26, 61-73.
- Kyrillos, G. M. (2020). Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, 28, e56509.
- Lima, J. M., Corrêa R. O., Chagas, D. A., Oliveira, T. S., Carvalho, G. D. G. (2021). Empreendedorismo como aporte para o empoderamento econômico feminino. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 17(48), 251-266.
- Magalhães, T. A. L. (1980). O papel da mulher na sociedade. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, 75, 123-134.
- Martins, J. L. (2018). *Alimentos para o mercado institucional da alimentação escolar: um estudo a partir das chamadas públicas na região do Arquipélago do Marajó*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) - Universidade Federal do Pará. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/5074>. Acesso em: 23/08/2023.
- Meirelles Filho, J. C. S. (2014). Arroz no Marajó: a impunidade do agronegócio. *Inclusão Social*, 7(2), 86-96.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*. 22 (37), 7-32.
- Miranda, E. R. D. S., & Rodrigues, D. D. S. (2020). “Outros” coletivos femininos: Lutas e Resistências que formam mulheres quilombolas na Amazônia. *Revista Diálogo Educacional*, 20(67), 1862-1886.
- Miñoso, Y. E., & Ziroldo, N. L. (2022). Superando a análise fragmentada da dominação: Uma revisão feminista decolonial da perspectiva da interseccionalidade. *Revista X*, 17(1), 425-446.
- Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 1(3), 1-5.
- Nogueira, V. M. R. (2002). Bem-estar, bem-estar social ou qualidade de vida: a reconstrução de um conceito. *Seminário: Ciências Sociais e Humanas*, 23(1), 107-122.
- Oliveira, E., Ens, R. T., Andrade, D. B. F., & Mussis, C. R. (2003). Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. *Revista diálogo educacional*, 4(9), 1-17.
- Pereira, B. C. J. (2021). Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. *Revista de Ciências Sociais*, 21, 445-454.
- Rodrigues, C. (2013). Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*. Disponível em:

[http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303618\\_ARQUIVO\\_cristianorodriguesFG2013.pdf](http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373303618_ARQUIVO_cristianorodriguesFG2013.pdf). Acesso em: 25/10/2022.

- Santos, E. A., Melo, V. P. Z. (2021). Contabilizando interseccionalidade: Um estudo sobre a responsabilidade social nas empresas de cosméticos. *XV Congresso AnpCont*. Disponível em: [https://anpcont.org.br/wp-content/uploads/2022/04/328\\_merged.pdf](https://anpcont.org.br/wp-content/uploads/2022/04/328_merged.pdf). Acesso em: 21/10/2022.
- Santos, S. M., & Araújo, O. R. (2007). História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. *Cadernos de História da Educação*, 6 (6), 191-201.
- Silveira, R. D. S., & Nardi, H. C. (2014). Interseccionalidade gênero, raça e etnia e a lei Maria da Penha. *Psicologia & Sociedade*, 26, 14-24.
- Siqueira, D. P., & Samparo, A. J. F. (2017). Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da discriminação de gênero à luta pela igualdade. *Revista Direito em Debate*, 26(48), 287-325.
- Salati, P. (2021). *Gente do campo: projeto estimula o cultivo sustentável do açaí nas comunidades ribeirinhas do Marajó*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/noticia/2021/07/30/gente-do-campo-projeto-estimula-o-cultivo-sustentavel-do-acai-nas-comunidades-ribeirinhas-do-marajo.ghtml>. Acesso em 10/08/2023.
- Sardenberg, C. M. B. (2015). Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. *Revista de Ciências Sociais*, 20 (2), 56-96.
- Simon, V. P. (2020). Economia feminista, economia social e solidária, paradigma paraeconômico: repensando o paradigma hegemônico e a importância das mulheres. *Textos de Economia*, 23(1), 1-29.
- Soares, C., & Oliveira, D. (2021). *Marajó: desafios ao paraíso na Amazônia*. Disponível em: <https://www.oliberal.com/liberalamazonant/marajo-desafios-ao-paraíso-na-amazonia-1.407606>. Acesso em: 10/08/2023.
- Simplicio, N. V. (2022). A constituição de identidades de mulheres quilombolas: território, relações étnico-raciais e culturais. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/9289>. Acesso em: 10/08/2023.
- Silva, L. C. M., Oliveira, A. D. C., Souza, C. C. O., & Pastana, I. (2022). Empodera Marajoaras: Educação popular, saúde, cidadania e formação profissional para mulheres em situação de vulnerabilidade. *Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão (UEPA)*. Marajó: Concedido pela coordenação do empodera.
- Santana, A. S., Silva, A. R., Soares, A. B., Carvalho, J. J. S., & Dias, L. N. S. (2023). Breaking the Glass Ceiling: Oral History of the Professional Trajectories of Women in Public Accounting. In: *Perspectives on Women in Management and the Global Labor Market* (pp. 301-321). IGI Global.
- Toledo, C. (2003). *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. 2. Ed. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann.
- Xavier, A. R., Muniz, K. R. A., Santana, J. R., & Carneiro, D. L. M. (2020). História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*, 2(1), 1-16.